

Trabalhando o sal: natureza e sociedade na industrialização da salicultura no litoral do Rio de Janeiro. (1940 – 1980)

Hana Mariana da Cruz Ribeiro Costa (Doutoranda – Programa de Pós-Graduação em História Social / Universidade Federal do Rio de Janeiro)
hm.ribeirocosta@gmail.com

Linha temática: História do mar, litorais e insularidade.

Este trabalho tem por objeto a produção salineira brasileira, situada no estado do Rio de Janeiro, no entorno da Lagoa de Araruama, onde hoje se localiza a Região dos Lagos Fluminense durante os anos de 1940 a 1980. O objetivo consiste em investigar as dinâmicas socioambientais existentes na região e suas transformações ao longo da industrialização desse espaço, que teve início a partir de 1940.

Produção voltada para o abastecimento do mercado interno regional, a salicultura desenvolveu-se à margem da Lagoa de Araruama e no litoral do Rio de Janeiro em salinas artificiais a partir da segunda metade do século XIX. O auge de sua produção deu-se na primeira metade do século XX, tendo como momento importante a aplicação da política desenvolvimentista de Getúlio Vargas na região a partir dos anos de 1940.

Buscamos aqui a compreensão das transformações socioambientais na Região dos Lagos Fluminense a partir de um projeto político de industrialização nacional, que levou a produção salineira para além do abastecimento regional. Tendo como foco o trabalho nas salinas, utilizado como ferramenta mediadora dessa relação entre homem e natureza, torna-se possível caracterizar as dinâmicas socioambientais da população local através da interação entre diferentes atividades produtivas, como a salicultura, a pesca e a agricultura.

Partimos de uma concepção de uma História Ambiental onde a ação humana e suas interações com o meio natural devem ser historicizadas. Ao estudar a relação dos trabalhadores das salinas com a paisagem lagunar, reconhecemos que os processos históricos e suas transformações passam pelas relações políticas, econômicas e, também, ambientais dentro das sociedades humanas (PÁDUA, 2010).

Nesse sentido, compreendemos que as sociedades humanas podem ser analisadas como um complexo organismo movido por alguns processos metabólicos. A apropriação da natureza, sua transformação e a expulsão dos dejetos pelos humanos, configuram um sistema social natural de grande complexidade, formando um metabolismo social (MOLINA E TOLEDO, 2014). Assim, ao abordar nessa pesquisa um grupo de indivíduos ligados a atividades que dependem do tempo da natureza, como a salicultura, a lavoura e a pesca, estamos sendo sensíveis às dinâmicas ecológicas e inferindo que as mesmas refletem e modificam as relações sociais.

Ao mesmo tempo, o trabalho nessa pesquisa não é visto em oposição à natureza mas sim como uma ferramenta de modificação do homem sobre o ambiente. Acreditamos que as conexões entre natureza e trabalho precisam ser reexaminadas, pois configuram um dos pontos principais da atual crise ambiental. Corroboramos aqui com a ideia de que o conhecimento humano sobre a natureza é fruto do trabalho empenhado sobre a mesma ao longo dos séculos (WHITE, 2013).

O uso de fontes primárias, como documentos disponíveis no Arquivo Nacional sobre o Instituto Nacional do Sal, relatórios das salinas e aforamentos, combinadas com a metodologia da História Oral nos levam a perceber as mudanças no arranjo da vida socioeconômica dessas comunidades, além da integração entre as populações costeiras, a paisagem lagunar e a salicultura no litoral fluminense.